

Círculo vicioso da indexação desafia governo

■ Atrelamento constante dos preços na economia vem alimentando a inflação, que subiu mais de 5.000.000% de 1986 até hoje

LUCILA SOARES

Sobre o aluguel, a mensalidade da escola, a batata, o cabeleireiro, o transporte, o cigarro, a cerveja, a gasolina, o cinema, o clube. Os índices de inflação registram todos esses aumentos, com maior ou menor peso. No mês seguinte, a inflação do mês anterior serve de base para o reajuste do aluguel, da mensalidade, da comida, do transporte, do cigarro, da cerveja, do cinema, do clube e ainda da tabela do Imposto de Renda na Fonte e de parte dos salários, para só citar dois exemplos.

Aí começa tudo de novo. Os preços se comportam exatamente como um cachorro que corre atrás do próprio rabo, em um país onde a inflação alta e a desconfiança sobre o futuro destruíram as referências de preço, criaram moedas paralelas à moeda oficial e fizeram com que a economia brasileira se tornasse a campeã mundial do que os economistas chamam indexação.

São dezenas de siglas a atazanar a vida das pessoas, vinculando cenouras ao Imposto de Renda, custo da construção civil às mensalidades escolares, preço da roupa aos aluguéis. Sem contar as que já foram enterradas no troca-

troca de ministros e de planos econômicos.

Poucos sabem direito o que significam, mas todos recorrem a elas para se proteger contra a desvalorização cada vez maior da moeda. O resultado é que, nesse emaranhado de preços atrelados uns aos outros, a inflação do mês passado é sempre a base da inflação deste mês.

Esse fenômeno, chamado de inflação inercial, certamente tira o sono do ministro Fernando Henrique Cardoso, por mais confiante que ele esteja nos resultados das medidas de ajuste anunciadas na semana passada.

Na tentativa de acabar com ela, o Brasil passou, nos últimos dez anos, por oito programas de estabilização, cinco congelamentos de preços e salários, um confisco de ativos financeiros, 15 políticas salariais, 54 alterações no sistema de controle de preços.

O fracasso dessas tentativas, levantadas pelo economista Ricardo Henriques, professor da Universidade Federal Fluminense, é expresso em números. De inflação, naturalmente: de 1986 até hoje, ela subiu mais de 5.000.000%.